

**I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -

COM

**PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS**



**SENTIDOS DE CURRÍCULOS PRODUZIDOS POR UMA
PROFESSORA DE MATEMÁTICA NA EJA DA ZONA RURAL DE
SOBRAL**

Francisco Josimar Ricardo Xavier

Universidade Federal Fluminense

josimar_xavier@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-6376-2828>

Adriano Vargas Freitas

Universidade Federal Fluminense

adrianovargas@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0002-4602-3473>

Eixo 4 - Propostas curriculares e materiais didáticos no ensino de matemática na EJAI

Introdução

Neste artigo trazemos resultados parciais de nossa pesquisa de Doutorado em Educação, que aborda os currículos em Matemática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com ela buscamos respostas à seguinte problemática: Que sentidos de currículos são produzidos pelos docentes que lecionam Matemática na EJA das escolas públicas municipais rurais de Sobral?

A experiência do primeiro autor deste artigo como docente de Matemática na EJA em Sobral foi essencial para definirmos as turmas dessa modalidade da Educação Básica como *locus* de estudo e, em conjunto, construirmos a pesquisa. Nos limites deste artigo, optamos trazer recortes das falas de uma professora que lecionam Matemática em uma escola rural, objetivando discutir os sentidos de currículos produzidos por ela, frente à padronização de práticas pedagógicas impostas pela política educacional desse município.



Sentidos de currículos em Matemática na EJA

Compreendemos que as percepções sobre o currículo têm pontos de vistas diversificados, assim como os sentidos que a ele vem sendo empregado ao longo do tempo. As várias tentativas de defini-lo nos possibilitam compreender currículo enquanto construção social atravessada por aspectos socioculturais, políticos e tensões de poder que constituem as sociedades (LOPES; MACEDO, 2011).

No campo do ensino, analisamos que as tensões sociais e de poder se aprofundam quando se trata da Matemática, pois, em geral, os sentidos de currículo empregados a essa disciplina, têm sido construídos com a intencionalidade de firmá-la como uma ciência de acesso para poucos (SILVA, 2022). Reflexos dessas tensões podem ser percebidos sobre a educação voltada aos jovens, adultos e idosos, onde, na tentativa de homogeneizar as práticas pedagógicas dos docentes, o ensino da Matemática ainda tem sido regulado por documentos prescritivos que desconsideram as diferenças dos estudantes, sendo os mesmos reproduzidos, por exemplo, do Ensino Fundamental regular (FREITAS, 2013).

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que estudantes, professores e professoras possuem diferenças entre si e ocupam diferentes posições hierárquicas nos espaços educativos, cabendo-nos, pois, reconhecê-los como constituídos de especificidades. Assim, dialogamos com a perspectiva de existir currículos, no plural, entendendo-os como “uma prática de enunciação que se dá na interação entre os sujeitos, entre professores, alunos e saberes” (RIBEIRO; CRAVEIRO, 2017, p. 65) que transitam nos espaços educativos.

Trazer currículos no plural firma nosso posicionamento político de respeito às subjetividades e diferenças existentes entre os sujeitos da EJA. Tem como princípio o reconhecimento de que os docentes que lecionam matemática na EJA das escolas públicas municipais rurais de Sobral produzem currículos com sentidos próprios às realidades de suas turmas, ainda que a proposta da política educacional desse município seja padronizar as suas práticas pedagógicas.

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
COM
PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -



Aspectos metodológicos

Os sujeitos participantes da pesquisa são docentes da EJA das escolas públicas municipais de Sobral. Para este artigo, nos limitamos a discutir recortes das falas de uma professora que leciona em uma escola rural, selecionada a partir da quantidade de presença em um curso ofertado aos docentes, pelo Grupo XXX, em parceria com a Secretaria da Educação de Sobral (SEDUC).

Como instrumentos de construção de dados, utilizamos entrevistas compreensivas (KAUFMANN, 2013), realizadas em maio de 2022. O material da entrevista com a professora foi analisado à luz de autores que discutem sobre currículo. Prezando pela identidade da professora, nos reportaremos a ela pelo nome fictício de Ana.

Ana tem 47 anos de idade, é pedagoga, casada, se autodeclarou preta, possui contrato temporário com a SEDUC, onde, tendo passado por vários processos seletivos. Leciona há 22 anos, sendo este mesmo tempo o de experiência na EJA. Sempre morou na localidade rural em que leciona e suas turmas sempre foram multisseriadas, sendo ela polivalente, isto é, além de lecionar as disciplinas, é responsável pela alfabetização de alguns estudantes.

Resultados e discussões

As falas de Ana remontam ao final dos anos 1990, quando, em Sobral, as escolas públicas municipais passaram a contemplar a EJA, e aos docentes foram ofertados encontros pedagógicos do tipo formação em serviço, nos quais, os formadores ensinavam como eles deveriam elaborar suas aulas. A respeito desses encontros, Ana destaca: “as explicações que eles [os formadores] davam pra gente era passar para os alunos só era mesmo o básico. As quatro operações, resolver uns problemas, alguns jogos. Agora tem os currículo, né?”.

Ao falar sobre o “currículo”, ela se refere ao Documento Curricular de Matemática (SOBRAL, 2016) que indica uma padronização das práticas pedagógicas dos professores e desde 2018, orientam os trabalhos pedagógicos nas turmas de EJA.

I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -

COM

PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS



Sobre as aulas de Matemática na EJA, Ana as elabora a partir de seu plano semanal, tendo como prioridade os estudantes. Informou ela: “aquela atividade que eu vou aplicar, eu já tenho que ver tanto para aqueles alunos que sabem ler, como para aqueles que não sabem ler nem escrever.” Explicando sobre a elaboração dessas aulas, Ana relatou:

Eu viso muito à realidade do aluno. Então, assim, trabalhar com a realidade deles, do dia a dia. Agora nesse período do inverno a gente trabalha muito com a agricultura. A questão de quando você vai plantar, na cova que você faz, vai quantos caroços de milho? Quer dizer, a gente trabalha muito mesmo o dia a dia deles. Não vou falar uma coisa que é lá do Rio de Janeiro, que ele pode não saber. Eu gosto de trabalhar a realidade daqui, do sertão.

As falas de Ana nos indicam que ela preza pelos aspectos socioculturais da comunidade rural e pelas diferenças dos estudantes, ação que dialoga com a função de equalização da EJA, em que se espera que os docentes, em suas práticas pedagógicas, tenham como ponto de partida as especificidades dos estudantes (BRASIL, 2000). Ela destaca: “eu não só uso o material que vem de lá [da formação em serviço], as atividades já elaboradas de lá, que é tudo certinho pra seguir. Eu tento adaptar de acordo com o aluno, a idade do aluno”. A adaptação desenvolvida por Ana pode ser percebida na seguinte fala:

[...] Tem uns que derrubam palhas. Você derruba quantas palhas por dia? Eles dizem, é umas mil palhas. Se você for dividir por dia, por mês? Tem uns que fazem carvão, aí, quanto é um saco de carvão? Você gasta quanto pra trazer o carvão de lá até sua casa, pra você revender? Então, assim, nós da EJA temos que trabalhar realmente de acordo com os conhecimentos dos alunos. Não adianta trazer coisas diferentes, lá da cidade, para o meu aluno aqui.

Em nossas análises, Ana centraliza suas aulas nos saberes das experiências dos estudantes para, então, tentar buscar uma aproximação com os saberes escolares. Consideramos tratar-se da produção de um currículo com sentido que se desloca da ideia que objetiva tão somente a “aprendizagem prescritiva cognitiva”, para um currículo que se preocupa uma aprendizagem para o “gerenciamento da vida” (GOODSON, 2019, p. 94), o apreender com as diversidades socioculturais de uma comunidade e dos sujeitos.



Considerações finais

As análises aqui apresentadas indicam que Ana tem uma preocupação mais com as vidas e com os saberes de suas experiências, do que com o quanto de conteúdos de Matemática poderiam aprender. Entendemos que ela produz um currículo com sentido próprio à realidade da comunidade rural, prezando pelo respeito às diferenças dos estudantes da EJA. É possível que currículos com outros sentidos sejam produzidos pelos demais professores, o que poderia ser compreendido melhor se houvesse mais estudos que buscassem ouvir tais sujeitos. Concluimos destacando as potencialidades das falas dos professores à compreensão de sentidos curriculares em Matemática para além das prescrições documentais.

Palavras-chave: Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Currículos; Matemática na EJA.

Referências

BRASIL. Parecer nº 11, de 10 de maio de 2000. **Aprova Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Câmara de Educação Básica. Brasília, 2000.

FREITAS, A. V. **Educação Matemática e Educação de Jovens e Adultos: estado da arte de publicações em periódicos (2000 a 2010)**. 2013. 360 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOODSON, I. F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradução: Henrique Caldas Carvalho. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

RIBEIRO, W. G.; CRAVEIRO, C. B. Precisamos de uma Base Nacional Comum Curricular? **Linhas Críticas**, Brasília, n. 23, v. 50, p. 51-69, 2017.

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
COM
PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -



SILVA, M. A. Currículo, Educação Matemática, Política e Podres Poderes. **RIPEM**, v. 12, n.1, p. 09-28, 2022.

SOBRAL. **Documento Curricular de Matemática**. Secretaria da Educação. Sobral, 2016.